

A SENSIBILIDADE ABSURDA: ALBERT CAMUS E *O ESTRANGEIRO*

Vinicius de Oliveira CAMARGO*
Ademir de SOUZA NETO**

RESUMO: O presente trabalho busca a realização de uma análise interpretativa sobre a obra *O estrangeiro* (1942) de Albert Camus, relacionando aspectos estruturais do romance com elementos de seu ensaio filosófico, *O mito de Sísifo* (1942). Nessa perspectiva, pretende-se traçar características da filosofia do absurdo de modo a utilizá-las como suporte para a elaboração da análise proposta. Assim, é possível delimitar determinados elementos presentes no modo de representação da sensibilidade absurda no romance de estreia do escritor argelino.

PALAVRAS-CHAVE: Albert Camus; *O estrangeiro*; o mito de Sísifo; o absurdo; sensibilidade absurda.

A obra de Albert Camus se estabeleceu de maneira múltipla na literatura francesa. Navegando por gêneros literários distintos, como o romance e o teatro, Camus, formado em filosofia, dedicou-se, também, à obra filosófica, legando ao patrimônio intelectual mundial diversos ensaios. Ao se tratar da organização de sua obra, é possível depreender o tratamento de determinados assuntos em ciclos simbólicos, sobre os quais, traça-se um caminho iniciado pelo abstrato, o ensaio filosófico, continuado por um campo intermediário, o romance, e terminado, pelo concreto da obra teatral. Entretanto, a obra do escritor argelino não se estabelece a partir de uma ingênua redundância: não é possível reduzir a sua obra romanesca ou teatral à mera repetição de uma tese filosófica.

* Mestrando em Estudos Literário. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – vo.camargo@unesp.br

** Graduado em Letras. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – ademirneto03@gmail.com

No caso particular de *O estrangeiro* (1942)¹, Manuel da Costa Pinto (2017, p.9) atesta contra a consideração deste romance como uma “ilustração ficcional de uma filosofia”, afirmando que o livro “[...] formula uma sensibilidade, um sentimento de absurdo, a ‘divina disponibilidade do condenado à morte’.” (Pinto, 2017, p.9). Dessa maneira, torna-se uma possibilidade a visão de seu romance de estreia a partir dos elementos que escapam à abstração inerente à filosofia e acabam por atingir as possibilidades da representação concreta e de seus desdobramentos.

No entanto, apesar do reconhecimento de *O estrangeiro* como uma produção que extravasa os limites do pensamento abstrato-filosófico, há a possibilidade de relacioná-lo com o ensaio, *O mito de Sísifo* (1942)², cuja publicação se estabeleceu, nas palavras de Pinto (2022, p. 5), “praticamente simultânea” ao romance em questão. Nessa perspectiva, a compreensão do conceito do absurdo camusiano se mostra produtiva como ponto de partida no desenvolvimento de um estudo sobre a sensibilidade absurda tratada no romance de estreia do escritor.

Assim, neste trabalho, procura-se, primeiramente, a compreensão do absurdo em Camus, através do ensaio filosófico *O mito de Sísifo*, para que se possam traçar determinados elementos desenvolvidos em sua atuação como romancista em relação à sensibilidade absurda. Nessa perspectiva, será apresentado um breve levantamento sobre aspectos biográficos de Albert Camus. Em sequência, pretende-se apresentar alguns conceitos apresentados pelo filósofo em seu ensaio *O mito de Sísifo*, além de realizar uma breve análise estrutural sobre a construção do narrador em *O estrangeiro* de acordo com os elementos apresentados em Reis e Lopes (1988). Com a finalidade de imbuir esta investigação de um aparato teórico, utilizar-se-á trabalhos desenvolvidos por Costa Pinto (2017, 2022), Ginestier (1964) e Guimarães (1971).

Breve resumo sobre a vida do autor

Segundo a biografia fornecida por Costa Pinto (2022, p.1), Camus, nascido em 1913 em uma Argélia sob o jugo da França, acabou por formar-se em filosofia no seu país natal. O escritor perdeu o pai precocemente em 1914 durante a Primeira Guerra Mundial. Nessa perspectiva, a vida de Albert é descrita pelo pesquisador como marcada pela guerra, pela fome e pela miséria, filiando-se posteriormente ao Partido Comunista francês.

¹ Confira Camus (1942a).

² Confira Camus (1942b).

Em 1942, publica *O mito de Sísifo* e *O estrangeiro*, seguidos de *Calígula* em 1944, dando forma ao que se considera “o ciclo do absurdo” na obra camusiana. Este ciclo, uma separação simbólica estabelecida sobre sua obra, foi seguido pelo da revolta e a publicação de *A peste* (1947), *Os justos* (1949) e *O homem revoltado* (1951)³. Em 1960, um possível terceiro ciclo foi interrompido bruscamente a partir de um acidente automobilístico responsável pelo falecimento do autor. Albert Camus é considerado um dos principais representantes do existencialismo francês ao lado de Sartre. Em adição, em 1957, o argelino recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

O mito de Sísifo

Segundo o *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* de Grimal (2005, p. 422-423), a figura mitológica de Sísifo é descrita a partir de sua astúcia e de seu caráter carente de escrúpulos. Grimal (2005) apresenta algumas versões sobre a motivação responsável pelo castigo infligido por Zeus a Sísifo. Entretanto, tem-se a pretensão, neste trabalho, de somente descrever a sua punição, tendo em vista o foco estabelecido por Camus em seu ensaio:

Ao final desse prolongado esforço, medido pelo espaço sem céu e pelo tempo sem profundidade, a meta é atingida. Sísifo contempla então a pedra despencando em alguns instantes até esse mundo inferior de onde ele terá que tornar a subi-la até os picos. E volta à planície. É durante esse regresso, essa pausa, que Sísifo me interessa. (Camus, 2022, p.122).

Nessa perspectiva, Sísifo foi condenado a eternamente repetir o trabalho de empurrar um enorme rochedo ao cimo de uma trajetória vertical. A pedra viria a rolar de volta ao ponto inicial, levando o condenado ao reinício de sua atividade. Assim, esta narrativa mitológica se mostra perpassada pela imposição de uma tarefa árdua e inútil: o desafio ao divino é retribuído pela condenação a uma vida sem sentido, uma vida absurda, levando o argelino a considerá-lo como o “herói absurdo”.

É por meio da suspensão da narrativa mitológica que se estabelece o interesse da inventividade imaginativa do autor: a representação de um Sísifo — em sua consciência trágica a caminho da repetição — que controla o seu destino em meio

³ Confira Camus (2006).

a uma alegria silenciosa. Assim, o destino, marcado em narrativas da mitologia greco-romana como implacável, é levado ao terreno do humano pela leitura feita pelo argelino:

Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem quando contempla seu tormento. No universo que repentinamente recuperou o silêncio, erguem-se os milhares de vozes maravilhadas da Terra. Chamamentos inconscientes e secretos, convites de todos os rostos são o reverso necessário e o preço da vitória. Não há sol sem sombra, e é preciso conhecer a noite. O homem absurdo diz que sim e seu esforço não terá interrupção. Se há um destino pessoal, não há um destino superior ou ao menos só há um, que ele julga fatal e desprezível. De resto, sabe que é dono de seus dias. (Camus, 2022, p.124).

Em continuidade à conclusão nietzschiana em relação à morte de deus, o absurdo se estabelece a partir de um divórcio, segundo Ginestier (1964, p. 43), proveniente da ausência do divino. O mundo, então, torna-se sem sentido, enquanto o humano é imerso no silêncio sem razão. No entanto, o silêncio do divino é substituído pelas vozes maravilhadas com as possibilidades da existência imediata, criando, assim, um panorama em que o sentido é estabelecido pelo humano.

Torna-se importante ressaltar que o absurdo em *Mito de Sísifo* não é tomado com conclusão, mas sim como um ponto de partida, buscando a investigação sobre os *desdobramentos* da existência consciente do absurdo. Não é sem razão que o problema inicial apresentado pelo ensaísta reside na questão do suicídio: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.” (Camus, 2022, p.19). Ora, um mundo esvaziado do sentido divino promove uma cisão no humano, levando-o a escolher em favor de sua existência por si só. Nessa perspectiva, é possível compreender a resolução do filósofo em relação a este dilema por meio da importância dada à consciência e à sensibilidade.

Tais elementos são projetados na figura de Sísifo; sendo dono de seus dias, a sua realidade, o seu universo e o seu único mundo não lhe parecem inútil. Resta, assim, ao humano o seu único mundo possível marcado pela ausência do divino; enquanto a escolha a favor da continuidade da existência se estabelece justamente pela suficiência vida por si só:

As pessoas sempre reencontram seu fardo. Mas Sísifo ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas. Também ele acha que está tudo bem. Esse universo, doravante sem dono, não lhe parece estéril nem fútil. Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz. (Camus, 2022, p. 124).

A felicidade atribuída a Sísifo reside justamente na consciência e no controle sobre o seu destino e a sua trajetória. A figura mitológica, condenada à morte e ao esforço repetitivo, vê-se obrigada a viver o absurdo, passando a encontrar um modo de existência em meio a essas circunstâncias — o seu único mundo possível. O castigo de Sísifo marca o início de uma vivência sem sentido; um ponto de partida que o força a encontrar novos meios de existir sem a presença do divino: encontrar a felicidade, em Camus, negando os deuses, mostra-se ligado à possibilidade de se voltar a um mundo estabelecido pelo *hic et nunc* apreendido pelo sensorial, e, assim, neste, formar a fertilidade e a importância da existência com elementos alcançáveis à sensibilidade humana.

O estrangeiro

Ao realizar uma análise estrutural do romance, levando em consideração as categorias expostas no *Dicionário de Teoria da Narrativa* de Reis e Lopes (1988), torna-se possível perceber a construção da tessitura textual por meio da utilização de um narrador autodiegético: Meursault, funcionário de escritório, realiza a diegese dos fatos vividos em Marengo e em Argel, trazendo a sua perspectiva sobre o enterro de sua mãe, o seu retorno à capital, o assassinato do árabe, e por fim, o seu julgamento e o seu período no cárcere. Em relação à organização do livro, percebe-se a sua segmentação em duas partes, divididas pelo assassinato, contendo, respectivamente, seis e cinco capítulos.

É notória uma espécie de potencialização gradual do distanciamento temporal entre os fatos narrados e a sua narração conforme o desenrolar do livro. A título de exemplo pode-se utilizar a primeira frase do livro em confronto com a primeira frase do terceiro capítulo da segunda parte. Estas são, respectivamente: “**Hoje**, mamãe morreu” (Camus, 2017, p. 13, grifo nosso) e “No fundo, posso dizer que **o verão depressa substitui o verão**” (Camus, 2017, p.79, grifo nosso). Nessa perspectiva, torna-se possível a compreensão deste distanciamento a partir

de um efeito de sentido colocado em assonância com o estado do personagem, mergulhado na monotonia de um cotidiano repetitivo na prisão, dando indícios de uma expressão relativamente mais reflexiva das ações.

Concomitantemente, o estado reflexivo do personagem reflete no seu modo descritivo, visto que, se antes a morte de sua mãe é marcada pela incerteza (“Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem.” (Camus, 2017, p. 13)), as visitas do capelão na prisão são demarcadas com convicção (“Pela terceira vez recusei-me a receber o capelão.” (Camus, 2017, p. 99)). Esta escolha estrutural utilizada pelo autor, então, acaba por demarcar a passagem do personagem da ignorância de seu estado à consciência de seu destino trágico e de sua vida absurda.

É ainda por meio do reconhecimento de sua condição que se estabelece a tragicidade, tendo em vista a afirmação de Camus sobre o mito de Sísifo: “Este mito só é trágico porque seu herói é consciente.” (Camus, 2022, p.123). A potencialização do automatismo cotidiano providenciada pela vida no cárcere torna-se um elemento necessário para evidenciar ao personagem a sua verdadeira condição absurda em confronto com determinados valores culturais.

Na primeira parte do romance, há uma espécie de dissonância entre o modo como Meursault e os personagens ao seu entorno concebem a realidade. Por exemplo, o enterro de sua mãe, vivido através do desconforto proporcionado pela viagem, pelo calor e pelo sono, é visto com frieza pelos funcionários do asilo; assim como o banho de mar com Marie após a sua chegada à Argel, sentido através da doçura proposta pelo desejo e pelo clima favorável, é encarado como um ato insensível ao luto. Estabelece-se, por meio dessa contraposição, um confronto entre duas verdades, entre o absurdo e a crença, dotando o destino da personagem de uma determinada tragicidade.

Assim, o estrangeiro Meursault, vivendo sob o signo do absurdo, desconhece o sentido criado por meio das convenções sociais e do tradicional. Este diálogo entre Meursault e Marie é significativo ao tornar explícito tal dissonância:

À noite, Marie veio buscar-me e perguntou se eu queria casar-me com ela. Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como aliás já respondera uma vez, que **isso nada queria dizer**, mas que não a amava. — Nesse caso, por que se casar comigo? — perguntou ela. Expliquei que **isso não tinha importância alguma** e que, se ela o desejava, nós poderíamos casar. (Camus, 2017, p.46, grifo nosso).

As instituições sociais — dotadas de um significado criado a partir de um conjunto estabelecido socialmente que transpassa o sentido promovido por um aqui e agora sensorial — nada dizem a Meursault. Para além do divórcio constatado por Ginestier (1964, p.43) no absurdo camusiano, o personagem constrói o seu viver alheio à normalidade estabelecida pelo social, tornando-se um estrangeiro. A consciência da dissonância da existência absurda em meio a um mundo marcado por um determinado senso de normalidade irá se construir, somente, através da proximidade da morte e da vivência de um julgamento marcado pelo escrutínio de fatores alheios ao assassinato cometido e pela fortuidade da atenção recebida devido à baixa temporada jornalística, além da reflexão proporcionada pela ociosidade do cárcere.

Assim, este herói do absurdo, ao reconhecer a configuração do meio em que se encontra, decide pela afirmação do absurdo ao se sentir “pronto a reviver tudo” (Camus, 2017, p.110) e pela oposição à configuração da normalidade; movimento marcado pelo confronto físico com o capelão e pela frase final do livro, “[...] faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio.” (Camus, 2017, p.110). Agora, ao se tornar consciente de sua condição, Meursault, como Sísifo, reencontra a felicidade ao reconhecer a “terna indiferença do mundo” e ao se posicionar com indiferença contra as convicções construídas em relação a ele.

Em relação à cena final descrita em *O estrangeiro*, a afirmação feita por Carlos Eduardo Guimarães ao realizar um ensaio sobre a filosofia de Albert Camus, mais especificamente sobre a sensibilidade absurda, pode ser utilizada de maneira produtiva ao se analisar a tomada de consciência de Meursault:

A revelação da morte tem algo violento e nos transforma. Chega um dia em que nos damos conta de que o homem morre e de que morreremos. Uma vez atingida esta verdade, seremos sempre sua presa. É pela morte que nossa sensibilidade chega ao absurdo. Só depois de termos sido atingidos de perto, a grande verdade terá significação e não mais se deixará levar ao desprezo. Ela é o nosso acesso à sensibilidade absurda. (Guimarães, 1971, p.31).

O personagem, esvaziado de esperança, diante da iminência da morte, parece desenvolver a consciência do absurdo e racionalizar as conclusões partilhadas por Camus em *O mito de Sísifo* de modo a afirmar a felicidade presente no sensível e na existência por si mesmos. A lembrança de sua mãe no asilo aparece projetada na memória do personagem de modo a realizar um exercício de alteridade em

relação aos últimos dias de sua genitora e concluindo pela semelhança entre as duas situações. Meursault imagina as conclusões absurdas como partilhadas pela sua mãe, afirmando “Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela” (Camus, 2017, p.110).

Ao confrontar esta cena com o modo como a personagem se portou diante do processo de luto, é possível especular sobre a possibilidade de Meursault, em sua configuração marcada pela indiferença, ter em si uma espécie de instinto do absurdo. Tal instinto viria a ser racionalizado e apresentado ao nível da consciência mediante à presença da morte, à vida no cárcere e ao seu julgamento: o personagem se portou com indiferença ao lidar com a morte de sua mãe, mesmo antes de afirmar a felicidade de sua progenitora nos últimos dias de sua vida.

Estrangeiro em relação aos significados partilhados pela sociedade à sua volta, Meursault constantemente demonstra a sua construção a partir de seu abandono aos instintos e aos estímulos sensoriais:

O queimar do sol ganhava-me as faces e senti gotas de suor se acumularem nas minhas sobrancelhas. Era o mesmo sol do dia em que enterrara mamãe e, como então, doía-me sobretudo a testa, e todas as suas veias batiam juntas debaixo da pele. Por causa deste queimar, que já não conseguia suportar, fiz um movimento para a frente. Sabia que era estupidez, que não me livraria do sol se desse um passo. Mas dei um passo, um só passo à frente. E desta vez, sem se levantar, o árabe tirou a faca, que ele me exibiu ao sol. A luz brilhou no aço e era como se uma longa lâmina fulgurante me atingisse na testa. No mesmo momento, o suor acumulado nas sobrancelhas correu de repente pelas pálpebras, recobrando-as com um véu morno e espesso. Meus olhos ficaram cegos por trás desta cortina de lágrimas e de sal. Sentia apenas os címbalos do sol na testa e, de modo difuso, a lâmina brilhante da faca sempre diante de mim. Esta espada incandescente corroía as pestanas e penetrava meus olhos doloridos. Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo começou. (Camus, 2017, p. 60).

A descrição do assassinato se constrói através do combate de Meursault com o algoz proposto pela figura do calor. O queimar do sol. A luz brilhante

refletida pelo aço. O suor das sobancelhas. Os olhos lacrimejados. O sopro do mar. Estas são as figuras escolhidas pelo personagem ao descrever a sua ação de modo a criar um desconforto motivado, não pelo perigo iminente proposto pelo confronto com um homem armado, mas sim pelos estímulos corporais, como se os disparos fossem feitos contra a ação do sol, descrevendo um movimento a partir da fortitude criada em meio ao desconforto físico.

O elemento passional se mostra alheio ao assassinato, dando lugar à luta de um homem contra os limites fisiológicos de seu corpo em face ao sol escaldante. Nessa perspectiva, o crime parece descrito como uma resposta sensorial (o seu corpo retesa) e como causado pela fortuna (o gatilho cede). Em função de uma descrição que privilegia a resposta ao calor promovido pelo sol e a ação desempenhada pela arma, sendo o gatilho o sujeito responsável pela realização do “ceder”, constrói-se uma cena pautada pelo acaso e pela involuntariedade.

No entanto, os acasos vividos pelo personagem ao se encontrar com Marie na praia, ao se envolver com Raymond e ao matar o árabe, são revisitados pelo tribunal, sendo revestidos de novos sentidos de modo a criar um perfil criminoso de Meursault capaz de ter praticado o seu crime de maneira premeditada:

Resumiu os fatos a partir da morte de mamãe. Relembrou minha insensibilidade, o meu desconhecimento da idade dela, o meu banho de mar do dia seguinte, com uma mulher, o cinema, Fernandel, e por fim a volta com Marie [...] Chegou em seguida à história de Raymond. Achei que à sua maneira de ver os acontecimentos faltava clareza. O que dizia era plausível. Eu tinha combinado com Raymond escrever a carta para atrair sua amante e entregá-la aos maus-tratos de um homem “de moral duvidosa”. Eu tinha provocado na praia os adversários de Raymond. Este tinha sido ferido. Eu tinha lhe pedido o revólver. Tinha voltado sozinho para usá-lo, tinha abatido o árabe como planejado. Tinha disparado uma vez. Tinha esperado. E ‘para ter certeza de que o trabalho tinha sido benfeito’, tinha atirado mais quatro balas, com firmeza, de uma forma de certo modo pensada. (Camus, 2017, p.92).

O relato de Meursault e o do promotor, quando colocados em confronto, demonstram uma discrepância, formada pela projeção de uma intencionalidade nas ações do assassino pelo advogado do governo. As cenas apresentadas anteriormente pelo narrador autodiegético são revisitadas e revestidas de novos significados, construindo um segundo panorama sobre a consciência do réu: os acasos e o desconforto vivenciados pela personagem são substituídos pela

intencionalidade e pela frieza. A imagem construída pelo promotor de justiça contribui para a demanda da pena capital:

— Peço-vos a cabeça deste homem — disse. — E é sem escrúpulos que vos dirijo este pedido. Pois no decorrer da minha longa carreira tem-me acontecido pedir a pena capital, mas nunca como hoje eu senti este penoso dever tão compensado, equilibrado, iluminado pela consciência de um **mandamento sagrado** e imperativo e pelo horror que sinto diante de um rosto humano onde nada leio que não seja monstruoso. (Camus, 2017, p. 94, grifo nosso).

A condenação e a acusação do personagem principal parecem perpassar antes a inadequação aos padrões da normalidade, responsáveis pela criação de uma determinada concepção sobre o comportamento do humano. A objetividade pretendida na construção e na aplicação da justiça é relegada em prol do julgamento do caráter humano em que o desvio do mandamento sagrado é passível de ser punido com a pena capital. Torna-se possível conceber o julgamento como alheio ao mérito envolto no assassinato, indo à direção ao julgo de um modo de existência que passa a ser considerado um desvio e uma ameaça aos parâmetros da normalidade. Dessa forma, o romance transpassa os elementos do filosófico propostos pelo ensaio, colocando-os em um determinado contexto de representação, responsáveis por imprimir na temática um tratamento moderno.

A pena capital, além de favorecer um modo de representação que coloca em narração um indivíduo em confronto com a morte, é utilizada também como uma maneira de colocar em confronto o herói do absurdo e as consequências de uma configuração social pautada pela rigidez em relação à fuga da normalidade. Meursault não se encontra somente em meio ao silêncio de uma existência desprovida do divino e de um devir espiritual, mas também em confronto com uma sociedade que, acreditando em um significado “maior” e sagrado, condena-o pela diferença de sua indiferença e pela anormalidade — tal sociedade representada coloca a vida absurda como uma ameaça digna de ser expurgada pela guilhotina em praça pública.

Considerações Finais

A literatura devido à sua multiplicidade inerente pode ser analisada por diversos prismas. A análise literária *per se* exige uma determinada sensibilidade

que deve se ancorar na ciência da impossibilidade de esgotar as possibilidades múltiplas expressas na tessitura textual. Em adição a tais adendos, uma análise multidisciplinar, proposta através do diálogo entre literatura e filosofia, torna-se possível por meio de um olhar que procura unificar esses dois pilares em prol de um todo coeso. Assim, o absurdo de camusiano se erige diante da concepção de mundo pautada pelo silêncio; a humanidade em confronto com sua existência crua, no qual, o sentido é promovido a partir do humano em uma tentativa de sanar suas inquietações advindas da luta contra a realidade.

O que há para além do sensível? Questão inquietante para determinados filósofos — patronos do mundo cultural e responsáveis por estruturar grande parte do pensamento ocidental — parece escapar a este pensador do século XX. Em meio à configuração desolada de um mundo marcado pela guerra, Albert Camus, escritor argelino e ganhador do prêmio nobel de literatura no século XX, toma o absurdo, o confronto da humanidade com o silêncio de uma existência desviado da concepção de providência, como ponto de partida de sua obra intelectual e procura investigar a motivação envolta da continuação de um existir em meio ao caos gerado a por meio do confronto com o absurdo.

Dessa forma, este trabalho se propôs a analisar a obra *O estrangeiro* de Camus, possuindo como foco temático a representação do absurdo. Nesta perspectiva, colocou-se em evidência a concepção camusiana de absurdo e as suas consequências, desenvolvidas no ensaio *O mito de Sísifo*: o escritor procura um desenvolvimento de um enredo cujo personagem principal se estabelece como um herói do absurdo. Meursault, configurado a partir da indiferença e do seu abandono ao sensorial, é condenado à guilhotina devido ao assassinato de um árabe na praia de Argel.

No entanto, sua condenação se estabeleceu de modo a ultrapassar os méritos de seus atos, construindo, também, a punição de sua vida absurda. A tragicidade do romance é configurada a partir da tomada de consciência da personagem em relação ao seu modo de existir e à sua dissonância no que diz respeito à normalidade estabelecida pela sociedade. Diante desses elementos, o personagem decide pela afirmação do absurdo e pela oposição à verdade defendida pelos juízes.

Coloca-se, em evidência, nessa perspectiva, a potencialidade do gênero romanescos, capaz de extravasar os limites inerentes à reflexão abstrata proposta pelo ensaio filosófico. *O estrangeiro* não se estabelece como uma mera redundância de *O mito de Sísifo*, mas procura trabalhar outros elementos de modo a contextualizar e a concretizar determinadas reflexões iniciadas a partir da sensibilidade absurda. Esta se constrói a partir da concepção da vida terrena,

criada por meio do sensorial, como única: o valor da vida passa a ser estabelecida por si mesma.

Desse modo, constrói-se, por Albert Camus, a saída existencial mediante o silêncio do mundo. As inquietações existenciais partilhadas pela humanidade são sanadas a partir da consciência de sua condição e do olhar para o mundo dos sentidos. O que resta ao humano é o sensível. Este lhe basta.

THE ABSURD SENSIBILITY: ALBERT CAMUS AND THE STRANGER

ABSTRACT: *The present paper seeks to produce an interpretive analysis of the book *The Stranger* (1942), by Albert Camus, connecting the structural aspects of the novel to elements presented in his philosophical essay *The Myth of Sisyphus* (1942). In this perspective, we intend to present some characteristics of the philosophy of absurdity in a manner that provides a solid ground for the analysis intended. Thus, it is possible to highlight certain elements of the representation of the absurd sensibility in the Algerian writer's debut novel.*

KEYWORDS: *Albert Camus; *The Stranger*; *The Myth of Sisyphus*; the absurd; the absurd sensibility.*

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 17. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2022.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. 10. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CAMUS, Albert. **Oeuvres complètes**. Édition publiée sous la direction de Jacqueline Lévi-Valensi. Paris: Gallimard, 2006.

CAMUS, Albert. **L'étranger**. Paris : Gallimard, 1942a.

CAMUS, Albert. **Le mythe de Sisyphe**. Essai sur l'absurde. Paris: Gallimard, 1942b.

GINESTIER, Paul. **La pensée de Camus**. Paris: Bordas, 1964.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução Victor Jabouille. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

PINTO, Manuel da Costa. Prefácio à edição de bolso: O mito de Sísifo, ponto zero. In: CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 17. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2022.

PINTO, Manuel da Costa. Prefácio à edição de bolso: O estrangeiro, tragédia solar. In: CAMUS, A. **O estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. 10. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

